

A Segunda Grande Guerra na Península da Itália (sinopse) – 1ª parte

Ruy Leal Campello*

Decorridos mais de cinquenta anos, os episódios vividos pelos exércitos aliados, na luta contra o nazifascismo, são descritos em emocionantes e numerosas narrativas, as quais relatam o desenrolar das operações de guerra e dos acontecimentos políticos que abalaram o mundo.

Muitos autores descrevem sua participação em tais eventos bélicos. Interessante é, sem dúvida, seu conhecimento. Para os estudiosos e, em especial, para os militares, esses depoimentos permitem aquilatar o desempenho, as dificuldades e o valor das tropas engajadas.

Por ocasião da passagem do cinquentenário da participação da Força Expedicionária Brasileira, integrando o V Exército americano no teatro de operações (TO) da Itália, vieram à tona velhas lembranças das diversas fases da campanha vividas.

Tivemos, então, oportunidade de estudar e reler várias obras a respeito e, dentre elas, destacamos a obra de Thomas R. Brooks, veterano da campanha da Itália e ex-integrante de um dos regimentos de infantaria da

10ª DI Mnth (10ª Divisão de Infantaria de Montanha), do Exército dos Estados Unidos. A obra em apreço, *The War North of Rome (June 1944-May 1945)*, é prefaciada pelo Senador Robert Dole, candidato à Presidência dos Estados Unidos, na última campanha eleitoral. O Senador Dole era, então, tenente, servindo em um dos regimentos de infantaria da 10ª DI Mnth e foi gravemente ferido durante o desenrolar da Ofensiva da Primavera. O ferimento de que foi vítima exigiu que permanecesse hospitalizado 37 meses, deixando-o marcado para sempre com o comprometimento de seu braço direito.

A leitura da obra emociona pela riqueza de detalhes sobre o comportamento humano durante o cumprimento das missões impostas, onde ressaltam o valor e o heroísmo daqueles que integraram as diversas unidades e grandes unidades combatentes. Contagiado pela descrição desses fatos, julguei que seria oportuno tecer alguns comentários, de vez que, participante da FEB, tive oportunidade de viver e apreciar o desenrolar das operações da campanha que hoje faz parte da História.

* General. Veterano da Força Expedicionária Brasileira - FEB.



A Península Italiana – Teatro de Operações da Itália – Segunda Guerra Mundial (1943-1945)
 Fonte: T. Brooks – *The War North of Rome*

Churchill preconizava a invasão que, uma vez desencadeada, iria penetrar na Europa Central e permitiria a antecipação e o domínio aliado da Península dos Balcãs antes dos russos, que vinham conseguindo sobrepujar os exércitos alemães que recuavam na frente leste da Europa.

A Itália rende-se em 3 de setembro. O fato vem reforçar a possibilidade da tomada da decisão para a invasão da Península italiana. Nessa altura dos acontecimentos, a invasão da França, através do Canal da Mancha, ainda não estava inteiramente aceita. Churchill e Marshall discordavam, e só mais tarde haveria de ganhar corpo a decisão final,

Ademais, os comentários que focalizam o soldado brasileiro e a FEB merecem uma apreciação especial, pois não poderíamos aceitá-los, sem emitirmos nossa opinião que, em nenhum momento, visa a desmerecer o valor inestimável da obra.

Derrotados os exércitos de Hitler no Norte da África, o domínio do Mar Mediterrâneo seria concretizado após a captura da Sicília. Ali desembarcaram as tropas aliadas, julho de 1943, enfrentando tenaz oposição alemã. Em 17 de agosto desse ano, encerrava-se essa fase da campanha que custou aos aliados mais de 30 mil baixas, em 39 dias de árduos combates.

Os chefes aliados discutiam a necessidade da invasão da Península italiana. Winston

encontrando-se os aliados em ferrenha luta, visando à posse de Roma.

O inimigo, entretanto, reage de imediato, ocupando o território italiano e passa a utilizar, com mestria, as facilidades que o terreno oferece: as sucessivas linhas de alturas e os cortes dos rios que se sucedem e possibilitam retardar e desgastar ao máximo os exércitos aliados.

Os aliados atravessam o estreito de Messina. O VIII Exército britânico, em 3 de setembro de 1943, lança tropas pára-quedistas em Taranto e, em 9, o V Exército americano desembarca em Salerno – Paestrum, na costa do Mar Tirreno, e o VIII Exército britânico, em Reggio di Calábria, no pé da bota italiana. Era o início da Operação Avalanche.

As operações têm seu curso e a progressão dos exércitos aliados é dificultada, como apontamos acima, pelas condições geográficas do solo italiano. As montanhas dão ao inimigo grande vantagem, permitindo-lhe deter os aliados na chamada Linha Gustav, que engloba as alturas de Monte Cassino, onde está situado o Mosteiro Beneditino e que surge como baluarte mais importante de defesa alemã, ao sul de Roma. Para abreviar a queda das defesas alemãs, os aliados, de surpresa, desembarcam em Anzio. O inimigo, surpreendido,



O desembarque ao sul da Península (3/9 Set 1943)

Fonte: The Chronicle (Houston - Texas)

reage tenazmente, e o General John P. Lukas decide aguardar reforços de blindados e artilharia, decisão que lhe custa muito caro e quase compromete a operação. O impasse é contornado e, em 18 de maio, é desen-

cadeada a ofensiva geral numa frente de 25 milhas. Nela se empenham americanos, ingleses, franceses, poloneses e canadenses, visando a flanquear Monte Cassino. A região do Mosteiro está em ruínas. Em 18 de maio, os poloneses tomam Cassino e os canadenses Pontecorvo, abrindo brecha nas defesas alemãs.

Os americanos, ao norte de Anzio, iniciam a progressão, visando à queda de Roma. Em nove sofridos meses após a invasão, as tropas aliadas reiniciam a ofensiva. As ordens de Hitler determinam ao Marechal Kesselring não ceder um palmo de terreno. Tal obstinação resulta em ferozes combates e contra-ataques que se sucedem, sempre e a cada passo, porém, é tido como certo que a ação diplomática obtém sucesso, visando a preservar a *cidade eterna* - dos horrores da destruição da guerra. Os alemães abandonam Roma, que é ocupada em 4 de junho de 1944.

A manobra em retirada inimiga é desenvolvida demonstrando a tenacidade e a visão dos generais alemães, que cumprem as determinações severas e rígidas do Quartel-General de Hitler. A luta ao norte de Roma tem seu início, e a frente italiana, em virtude de acontecimentos, quase que inesperados, passa a sofrer suas conseqüências, a invasão da Normandia.

AO NORTE DE ROMA

A notícia da queda de Roma e suas conseqüências ainda não tinham sido devidamente avaliadas quando, em 6 de junho de 1944, a invasão da Normandia é desencadeada. O General Eisenhower, à frente dos exércitos aliados, determina a travessia do Canal da Mancha e a luta nas praias da Nor-

mandia, o que produz grande impacto no noticiário da guerra. Abria-se nova frente na batalha da Europa!

Na Itália, o V e VIII exércitos aliados prosseguiam a luta. O V Exército progride, a oeste da península, em estreita frente que oferece ao inimigo maiores possibilidades. O VIII Exército luta a leste em frente mais ampla, mas as sucessivas linhas de alturas, entrecortadas de cursos de água, retardam a progressão, dificultam ou impedem o emprego dos blindados. É a região dos lagos Bracciano e Bolsena, na zona de ação do V Exército, e Transimeno, na zona de ação do VIII Exército, onde se desenvolvem, agora, as operações. O desgaste das tropas é muito grande.

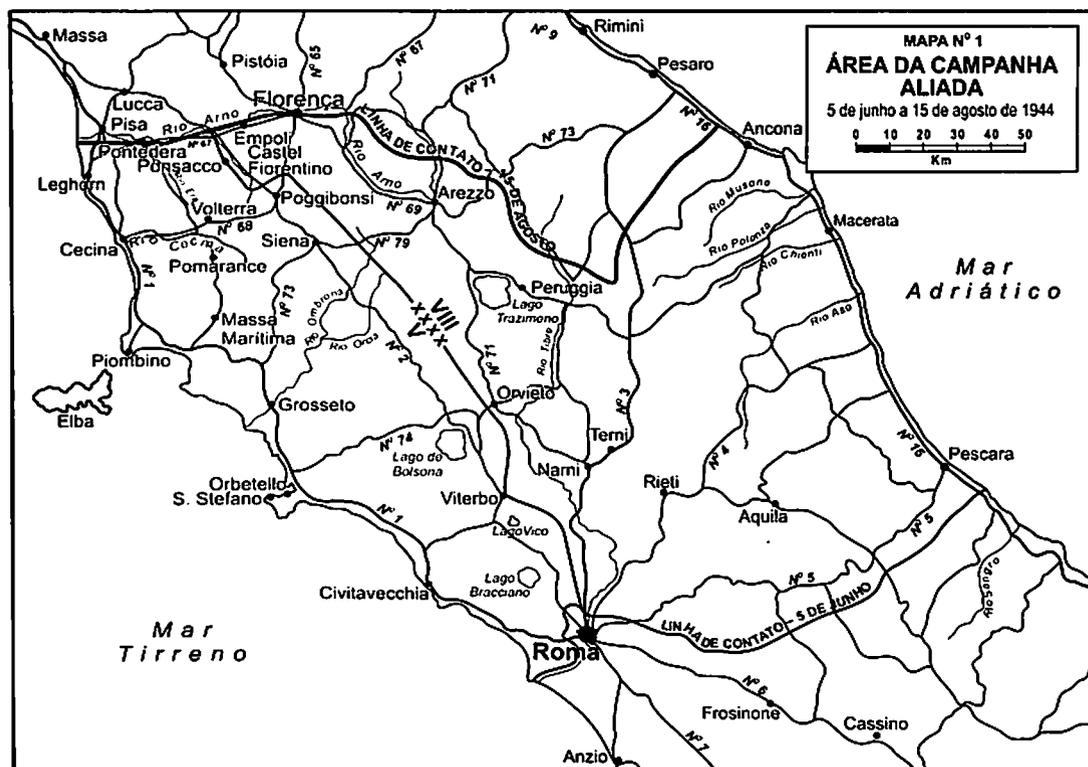
Acrescente-se que, além das dificuldades de terreno já mostradas, soma-se ainda a decisão aliada de invadir o Sul da França, organizando o VII Exército ao comando do General Truscott que contaria com efetivos retirados do V e VIII exércitos. A decisão fora motivo de grandes discussões, destacando-se a discordância de Churchill, em especial, que via o enfraquecimento da luta na Itália após tantos sacrifícios, e cujo retardamento das ações desenvolvidas, até então, resultaria em permitir ao inimigo tempo suficiente para organizar nova linha de defesa nas montanhas Apeninas - a *Linha Gótica*.

A opinião de Eisenhower acabou prevalecendo. Uma grande tempestade colocara indisponível o porto de invasão de Mulberry e, assim, a invasão do Sul da França - a Operação Dragão deveria permitir ocupar o Porto de Marselha e abrir nova rota de invasão para o Norte, que facilitaria a junção dos exércitos a caminho do Ruhr.

A organização do VII Exército para a invasão do Sul da França exigira a retirada

de ponderáveis efetivos, que lutavam integrando o V Exército americano e VIII Exército britânico. O corpo expedicionário francês sob o comando do General Juin foi transferido integralmente e, com ele, a Divisão Marroquina de Montanha, que deixaria importante lacuna, tendo em vista sua experiência e preparo para enfrentar o terreno que serviria de palco às operações que se desencadeavam. Foram retiradas, dentre outras grandes unidades: 3ª DI, 6ª DI (Texas), 45ª DI, batalhões de Rangers e o 442º Combate Team (*JAP-AMERICAN-NISSEI*) e os Goumiers, do VIII Exército. Além dessas grandes unidades, tropas de apoio e Artilharia foram transferidas. A aviação aliada teve, a partir daí, reduzido de 70% seu poder de ataque.

É claro que tais modificações causaram forte impacto e influíram no ritmo em que se desenvolviam as operações. Os comandos dos exércitos aliados viam-se, então, a braços com sérias dificuldades. A luta continuava, e os alemães, a julgar pelas declarações dos generais Kesselring e Von Senger, não entendiam a morosidade e mesmo a falta de criatividade de seus oponentes. O retardo no desenvolvimento das operações favorecia a preparação da linha de defesa dos Apeninos, além do Rio Arno. Na verdade, a frente da Itália passava a ter outra prioridade, após o desencadear da Operação Overlord e os recursos necessários estavam sendo reduzidos. O General Clark declarara ao General Alexander que estava empregando todos os recursos disponíveis para continuar a luta, lançando mão de transformações de tropas de artilharia antiaérea como infantaria, artilharia antiaérea como artilharia de apoio, inclusive tanques e, até, tropas italianas. Em 15 de



Situação dos exércitos aliados (5 junho - 15 agosto 1944) — Fonte: U.S. Army (T. Brooks)

agosto, a Operação Dragão é desencadeada, e a essa altura os V Exército americano e VIII Exército britânico estão lutando desde Pisa - Florença (Linha do Arno) - norte de Arezzo - nordeste de Perugia - norte de Ancona. Nota-se um profundo bolsão (Arezzo - GAP) na frente do VIII Exército, onde a série de alturas escarpadas, rios e a tenaz resistência alemã dificultam a progressão. Há, realmente, um momento de crise, e Mac Clark declarou que atravessaria o Arno e iria de Pistóia à Lucca, depois que suas tropas tivessem um par de semanas para reorganização e descanso. As condições do clima também teriam influência desse ponto em diante, pois a estação favorável, isto é, o verão e tempo firme, após a queda de Roma, escoou-se durante os duros combates para

ultrapassar a região dos lagos, em especial o Trasimeno e o Bolsão de Arezzo, até a entrada em Florença. Os exércitos aliados deviam manter o maior número de divisões alemãs engajadas ao Norte da Itália.

A invasão da Normandia e o desencadeamento da Operação Dragão, ao Sul da França, causaram impactos nas operações na frente da Itália. Os alemães resistiam e o terreno oferecia facilidades para quebrar o ritmo da ofensiva aliada. O General Kesselring declarou que *se conseguisse deter os aliados* ao norte do Arno, o tempo faria o resto. As baixas aliadas eram grandes e não havia tropas disponíveis. A situação somente apresentaria perspectivas mais desafogantes a partir de julho, com a chegada de novos recursos. A Força Expedicionária Brasileira

te. Os canadenses estavam combatendo há mais de três anos, os americanos, pouco menos, mas os planos de substituição atingiam apenas um reduzido número de combatentes. Além disso, após a invasão da Normandia, o apoio aos exércitos da Itália passou a ser encarado de maneira diversa, com reflexos negativos para seus integrantes.

O impasse viria a ser ultrapassado somente após a 2ª Conferência de Quebec. A frente da Itália deixou, então, de ser motivo de controvérsias e foi decidido que não seriam retiradas mais forças da Itália para reforçar os aliados ao noroeste da Europa, até que os alemães fossem derrotados ao sul do Rio Pó.

A LINHA GÓTICA

As operações aliadas, a partir da região dos lagos, encontram sérias dificuldades. Os alemães manobravam em retirada, ganhando tempo para a defesa da linha de alturas dos Apeninos, ao norte do Arno. A estação do outono oferecia agora outros obstáculos que dificultavam sobremaneira os deslocamentos. Extensos lamaçais castigavam os combatentes. As viaturas e os carros-de-combate tinham seu movimento reduzido e, por vezes, impossibilitado. A reorganização dos efetivos e a pausa para reinício das operações foram vantajosas para o inimigo.

Os dois exércitos, V e VIII, tinham agora a missão de romper as defesas alemãs que, com amplo domínio de vistas e preparados, esperavam o desencadear dos ataques aliados. A frente do V Exército ampliava-se, estendendo-se da costa do Tirreno, sul de Via Reggio-Reno-Sul de Vergato-Sul de Bolonha e para o leste, ao sul do Santerno-Sul Faenza, alongava-se a Zona de Ação

do VIII Exército, até a costa do Adriático, ao norte de Ravena.

Os ingleses vinham lutando com tremendas dificuldades, devido aos sucessivos rios que se transformavam, com as constantes chuvas, em sérios obstáculos.

O ponto capital e objetivo principal era Bolonha, que o inimigo se empenhava, com todos os meios disponíveis, em defender. Para lá convergiam os eixos principais de comunicação, ou seja, a auto-estrada nº 9 que ligava Rimini, na costa do Adriático, e cortava a região do sudeste a noroeste, atravessando a região sul do Rio Pó. A auto-estrada 65 orientava-se de Florença diretamente para a Bolonha, na zona de ação do V Exército. As alturas das montanhas dos Apeninos fechavam o norte da zona de ação dos exércitos - era a Linha Gótica que se constituía em poderoso obstáculo.

Os recursos oferecidos pela posse de Bolonha permitiam aos alemães atender e suprir suas grandes unidades; e Kesselring, von Senger e Vietinghoff empregavam todo seu descortínio e experiência para impedir o avanço aliado.

Apesar de todos os golpes sofridos, os alemães resistiam e não entregavam suas posições sem oferecer obstinada resistência e contra-ataques que, muitas vezes, retomavam seus objetivos conquistados. As baixas eram elevadas.

A chegada dos exércitos aliados ao norte do Arno exigira grandes sacrifícios, e Alexander e Clark visavam chegar a Bolonha antes do Natal. Entretanto, até lá, teriam que enfrentar ou despender grandes esforços. Seria imperioso romper a Linha Gótica, isto é, as alturas dos Apeninos.

Os aliados visavam fazer crer aos alemães que concentrariam seus esforços a les-

te, mas, na realidade o ataque principal seria desencadeado ao centro da Linha Gótica, iniciado pelo VIII Exército e, logo a seguir, o V Exército partiria ao ataque. Seria mais fácil atingir Bolonha. Os alemães movimentavam suas reservas e, afinal, conseguiram deter, a muito custo, o ataque aliado.

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

As unidades alemãs que combatiam na Itália, no transcorrer de 1944, eram em maioria bem treinadas, com grande experiência em campanha. Algumas sobrepujavam muitas das novas formações aliadas enviadas para enfrentá-las. O General Clark declarou que o V Exército era *um exército poliglota*. Dentre suas grandes unidades estavam incluídos: ingleses, neozelandeses, canadenses, indianos, sul-africanos, gurkas, gregos, judeus, poloneses, franceses e outros. Estamos incluindo também o VIII Exército. A maioria dos efetivos, entretanto, era constituída de americanos e ingleses.

Fato que constituía uma mudança na atitude até então adotada no Exército americano, foi a organização da 92ª DI, cujo efetivo constituído de homens de cor preta, causara sérios contratemplos. Era a primeira vez que tal acontecia e a integração dos pretos, realmente, só viria a acontecer muito mais tarde, na Coréia e no Golfo Pérsico. Afinal, o conflito visava a derrubar o nazifascismo e tal discriminação era injustificável.

O autor do livro *A Guerra ao Norte de Roma*, tece comentários e inclui, em certo ponto, a tropa brasileira. Diz ele que o *contingente brasileiro era curiosidade para os alemães que constantemente testavam suas posições*. Em outro comentário declara: *grande parte ou a maioria dos brasileiros eram pre-*

tos, vindos de um país distante, de clima quente, falavam idioma que poucos na frente italiana entendiam. Essas observações merecem reparos e devem ser contestadas. Os brasileiros ali estavam, antes de qualquer outra consideração, para revidar os golpes sofridos pelos ataques aos seus navios, que enfrentavam todas as dificuldades e perigos para suprir os aliados e propiciar-lhes o apoio de que necessitavam. Do solo brasileiro, do saliente nordestino, partiam ou decolavam aviões que se destinavam, inicialmente, ao Norte da África, onde o V Exército americano combateria as forças alemãs em retirada, após a derrota de El Alemein. Os problemas de cor ou raça não faziam parte de nossa formação. Brancos e pretos combateram sem nenhuma restrição e inteiramente integrados. Onde e quando teríamos unidades de pretos cujos comandantes e oficiais superiores haveriam de ser brancos? A guerra era mundial e a todos atingia, portanto, os comentários apontados são fora de propósito e revelam, porque não dizê-lo, falta de conhecimento da realidade brasileira. O Brasil era distante do TO da Itália e o mesmo pode ser dito quanto aos países que para lá enviaram tropas. Os soldados brasileiros integraram-se ao V Exército e sobrepujaram as dificuldades com espírito esportivo. O idioma, *o nosso brasileiro*, não impediu que os brasileiros cumprissem as missões recebidas e, na Itália, rapidamente conseguiram franca compreensão com a população em geral. Afinal, português e italiano são línguas de origem latina. No que diz respeito ao idioma inglês, houve sim dificuldades, mas os entendimentos necessários foram sempre realizados.

A verdade é que, é preciso que seja dito, a FEB chegava ao TO da Itália em momento difícil, quando os exércitos aliados sofri-

am as conseqüências da tenaz resistência alemã, do clima, do terreno montanhoso, que o General Alexander chamou de *cruéis montanhas*, e, principalmente, do esvaziamento causado pela organização do VII Exército para invadir o Sul da França. A chegada ao TO da Itália da Força Expedicionária Brasileira era fato de grande importância que merecia ser realçado, de vez que seu emprego vinha aliviar a carência de efetivos do V Exército.

Após o desembarque do 1º escalão, 16 de julho de 1944, em Nápoles e a necessária adaptação, vemos, já em 15 de setembro, o 6º RI integrando o GT do General Zenóbio da Costa, em ação no Vale do Serchio. A estréia da tropa brasileira foi, sob todos os aspectos, auspiciosa. Não podemos transcrever aqui em minúcias sua atuação, mas vamos resumi-la apresentando os detalhes principais dessa missão.

A frente do Serchio era defendida em larga frente e rarefeita. O alemão vinha manobrando em retirada, o que, para os brasileiros, foi de um lado excelente para sua atuação. Entretanto, a impressão causada aos estreados resultou de errônea interpretação. Julgavam que o inimigo estava derrotado e não resistiria. Os resultados dessa interpretação ocorreriam logo a seguir. Realizada a substituição da *Task Force 45* (uma organização de combate americana) em posição nas alturas que dominavam a linha das praias que se estendiam na direção do Viareggio, os brasileiros liberaram Massa e

prosseguiram visando, a seguir, Camaiore. A *Task Force 45* reagrupa-se e continua o ataque conquistando Pietra Santa.

O GT/6 (Zenóbio da Costa), reforçado com carros-de-combate, opera numa frente de cinco milhas na região sul dos Apuans, entrecortada de escarpadas elevações e corredeiras. Em 18 de setembro, os brasileiros entram em Camaiore assegurando a utilização da estrada Lucca-Camaiore e progridem ocupando Monte Prano, elevação de mais de quatro mil pés que dominava a costa e as encostas ao sul dos Apuans. Ação de fogos de artilharia e de morteiros alemães detém os atacantes. Em 26 de setembro, patrulhas ocupam as

alturas de Prano-Monsagrati, uma progressão de 11 milhas, num espaço de 10 dias, fazendo 31 prisioneiros e registrando baixas de 5 mortos e 17 feridos. O Comandante da FEB, General Mascarenhas de Moraes, declara que a operação era uma feliz conclusão da primeira missão e emprego das tropas brasileiras no TO da Itália.

As operações prosseguem e temos, então, a 92º DI (*Black Bulls*), no Vale do Serchio, atacando as alturas que dominam Massa, cuja posse facilitaria o avanço sobre La Spezia, base naval cujos canhões constituíam sério perigo e preocupação para o 4º Corpo. Uma série de ataques e contra-ataques dificultam a progressão. O 6º GT (FEB) ataca no Vale do Serchio e o 370º RI/92º DI em Monte Caula. Os brasileiros tomam Fornaci, em 6 de outubro, e a seguir capturam

A FEB chegava ao TO da Itália em momento difícil, quando os exércitos aliados sofriam as conseqüências da tenaz resistência alemã, do clima, do terreno montanhoso, que o General Alexander chamou de cruéis montanhas, e, principalmente, do esvaziamento causado pela organização do VII Exército para invadir o sul da França.

Barga. No final do mês, há intensa atividade de patrulhas e Sommocolonia acima de Barga é ocupada, nas alturas oeste do Serchio. Em 31 de outubro, os alemães desencadearam um ataque debaixo de fortes chuvas.

O General Mascarenhas, com simplicidade, declara: *Nossas tropas foram surpreendidas. E acrescenta: Esgotados, após fatigantes jornadas e convencidos de que o inimigo não possuía espírito combativo, relaxaram certas medidas de segurança, e nem mesmo estabeleceram um razoável plano de fogos, fatores indispensáveis para a manutenção do objetivo conquistado.*

O 6º GT recua para as posições anteriormente ocupadas acima de Barga. A progressão de 13 milhas no Vale do Serchio foi detida, na altura da junção Serchio-Lima. Desde a entrada em ação em 15 de setembro, o 6º RI (6º GT) fizera 208 prisioneiros e progredira 24 milhas, sofrendo 280 baixas: 13 mortos, 87 feridos, 183 acidentados e 7 desaparecidos.

A Força Expedicionária Brasileira estava, a essa altura, com seu efetivo completo e todas as unidades de apoio, sendo, então, roçada para o Vale do Reno, em substituição ao 1º Comando Blindado de Combate B. O 2º Batalhão do 370º RI foi posto à disposição da FEB e o Comando de Combate B, ao longo do Reno, atingiu Riola.

As alturas de Bombiana, entre Silla e Marano, são ocupadas pela FEB.

Em 29 de outubro, o ataque visando Castelnuovo, ao norte de Riola, é suspenso. Fogos de artilharia e de morteiros batem os pontos críticos visando a interromper a utilização da Estrada 64, ligando Porretta Terme, Silla, Marano e Riola.

Na frente do VIII Exército, são obtidos êxitos limitados, ao custo de grandes

sacrifícios. A chuva, o terreno e o inimigo aumentam o desgaste das tropas e o número de baixas.

ESFORÇOS PARA CONQUISTAR BOLONHA

A situação geral na frente italiana continuava a exigir ingentes preocupações e sacrifícios dos integrantes dos dois exércitos aliados. O desgaste de suas tropas era grande. As chuvas de outubro dificultavam as operações. As reservas chegadas ao TO, caso da Força Expedicionária Brasileira e da 92ª DI (americana), ambas já em ação, não permitiram resultados mais positivos para a almejada conquista de Bolonha. Os alemães tinham organizado trabalhos defensivos e mostravam sua determinação de não cederem um palmo de terreno. O General Vietinghoff, agora Comandante do X Exército, cumpria as determinações de Kesselring e dispunha de meios e possibilidades de rocar suas DI em reserva para atender e barrar os ataques aliados.

As ordens de Mac Clark e Alexander continuavam em vigor a despeito dos entraves surgidos. Haveria um esforço do VIII Exército, inicialmente e, a seguir, o V Exército iniciaria o ataque que se destinava a romper a Linha Gótica.

O VIII Exército tinha pela frente sucessivos cortes no terreno e rios que impossibilitavam maior rapidez no desenrolar das operações e acabaram provando que seria impossível obter sucesso tentando transpor sucessivamente tais linhas. As operações para ultrapassar o Cessano, Metauro, Marechia custaram duras jornadas e elevadas baixas. Ainda tinham pela frente o Senio, Fiumicino, Santerno e Silaro, cortados pela Estrada 9 que atravessava Bolo-

na. Os carros-de-combate encontravam sérias dificuldades e restrições. O Comandante do I Corpo Canadense, General Burns, envidava todos os esforços, desde a travessia do Uso, para evitar que os alemães conseguissem estabilizar a frente.

O 2º Corpo-de-Exército (2º CEx) a leste do dispositivo do V Exército, conseguiu romper as defesas da Linha Gótica, ultrapassando o Passo di Futa - Fierenzuola - Radicossa Pass e chegara até ao norte do Losano - Livernano, a cavaleiro da Estrada 9, eixo principal para Bolonha. Era o resultado das operações a cargo da 34ª DI e 91ª DI que sofreram elevadas baixas. Os alemães têm também elevadas perdas. Bolonha está praticamente à vista, porém a falta de reservas, somada às já citadas dificuldades do terreno e tempo que não permitem o emprego da aviação e blindados, obriga a um alto para reorganização das grandes unidades.

A *Wehrmacht* roca suas reservas e conseguiu impedir a progressão dos aliados. O VIII Exército continuava a ofensiva sofrendo os entraves já apontados e tinha a frente do dispositivo estreitada na direção sudeste-noroeste, a cavaleiro da Estrada 9.

É interessante frisar que essas operações faziam parte dos preliminares para o desencadeamento da ofensiva geral, visando Bolonha, antes do Natal.

O 4º Corpo-de-Exército (4º Cex) a leste chegara ao norte do Reno, progredira no Vale do Serchio e agora tentava ganhar as alturas de Belvedere - Ronchidos - Gorgolesco - Torraccia e Castelo. Essas operações são executadas no final do mês de novembro, entre 24 de novembro e 12 de dezembro. A tropa brasileira (FEB) deveria pressionar o inimigo estreitando a frente da DI sul-africana que ocupava o flanco leste

do 4º CEx. Havia, porém, necessidade de conquistar as alturas citadas que dominavam a Estrada 64, para possibilitar a ofensiva geral. Assim, em 24 de novembro, a *Task Force 45*, reforçada com tropa do 6º RI (FEB), inicia a operação encontrando sérias dificuldades. Em terreno aberto, sem o apoio da aviação, impossibilitada de atuar devido às más condições do tempo, é forçada a recuar. O alemão desencadeia forte barragem e o terreno conquistado inicialmente é cedido ao inimigo. Os alemães iniciam, à noite, violento contra-ataque, sendo, afinal, repelidos. Em 25 de novembro, nova tentativa é realizada, empregando tropa da 92ª DI e da FEB, porém, cerrados fogos de Gaggio Montano - La Cá - Abetaia não permitem a progressão do escalão de ataque. Em 26 de novembro, pela manhã, os brasileiros e a 92ª DI recuam para suas posições iniciais. Em 27 de novembro, novas tentativas de ataque, participando 1º BI/1º RI + 2º BI/6º RI. Os alemães contra-atacam precedendo o ataque e desorganizam os atacantes. Forçam, também, as posições ocupadas pelos batalhões de infantaria da FEB (BI), sendo repelidos.

Em 29 de novembro, após desencadeamento de 30 minutos de barragem de fogos de artilharia e de morteiros, dois batalhões (1º/1º RI e 1º/11º RI) repetem a operação visando as alturas de Castelo. Fogos de Abetaia - C. Viteline - La Cá batem vigorosamente o escalão de ataque, forçando, uma vez mais, o recuo para as posições na Linha de Partida (LP), onde têm segurança relativa. É forçoso observar que essas tropas estavam chegando à frente de combate e sofriam os efeitos do frio e da chuva, sendo, portanto, admissível que tais resultados negativos acontecessem. Os soldados brasileiros da FEB eram estreantes, mas seu de-

sempenho não comprometeu e estavam ou foram lançados ao fragor do combate, lado a lado, com tropas que ali se encontravam há muito e que também sofreram os mesmos dissabores e frustrações enfrentando sempre o inimigo que não lhes cedia facilmente as posições ocupadas.

O incidente do 1º/11º RI, que chegara a Porretta em 1º de dezembro e fora ocupar posição, substituindo tropas do 1º RI, pode ser considerado como de pouca importância e comum no contexto das operações de guerra. A atuação de patrulhas alemãs é intensificada e, à noite, elas tentam infiltrar-se em suas posições, seguindo-se o clássico contra-ataque, que força o recuo dos ocupantes da posição. Pela manhã, retrocedem os alemães e a frente é recomposta.

Os alemães sabiam agora que, naquela frente, estavam tropas brasileiras que são surpreendidas pelas granadas de propaganda que, ao amanhecer, inundam a frente com seus boletins e salvo-condutos, concitando os homens à deserção e ridicularizando os aliados. As tropas brasileiras, entretanto, demonstraram facilidade de adaptação e vinham sendo revezadas na frente defensiva onde rapidamente colheram ensinamentos e experiência necessários ao combatente. A utilização das rações de combate e o cardápio das refeições normais foram entrando na rotina. O General Mac Clark em seus comentários declarou as dificuldades para contentar e atender às reclamações de seu *exército poliglota*, onde aparecem as solicitações dos brasileiros por mais açúcar, feijão-preto, arroz, gordura. Tudo isso, com o tempo, foi sendo absorvido e excelentes resultados foram conseguidos.

Após essas operações ofensivas visando à posse das alturas de Belvedere-Torrac-

cia-Castelo, o General Mascarenhas reorganiza e orienta suas tropas. Uma vez mais seria tentada a conquista de Monte Castelo. Os relatos apresentados por Thomas Brooks revelam falta de detalhes, oriundos talvez das fontes de pesquisa consultadas. Os relatórios da FEB eram apresentados em português e os das unidades combatentes, às vezes, inexistentes. Daí, a grande falta que sentimos, principalmente, se atentarmos para o fato que ali também estivemos, vivemos, combatemos, sofremos e presenciamos quadros semelhantes aos que o autor apresenta em seu magistral livro. Às 6 horas, 12 de dezembro, de 1944, dois batalhões (2º e 3º do 1º RI) atacam Monte Castelo. No flanco oeste, a *Task Force 45* parte para desencadear o ataque diversionário nas fraldas sul de Monte Belvedere. No flanco leste, o 1º/11º RI cobre o flanco atacando na direção Abetia-Vale. O grupamento Nelson Mello (6º RI) simultaneamente desenvolve ações contra Castelnuovo. A operação é iniciada após realização de barragem de trinta minutos. Os alemães, entretanto, estavam bem preparados, suas posições enfiavam as principais vias de acesso. Arame farpado, minas e casamatas. Sua artilharia tinha também sido reforçada. O terreno enlameado dificultava e impedia a ação dos carros-de-combate; a cerração e a neblina não ofereciam facilidades para o emprego da aviação e regulação dos tiros de artilharia e de morteiros. Integrando uma das Cias (Companhia de Fuzileiros) do escalão de ataque - 5º/2º BI/1º RI, guardamos, até hoje, as nossas impressões do combate. Partindo da ZRA (Zona de Reunião Avançada) em Casa Madrevia, cerramos sobre a LP (Linha de Partida), ao amanhecer. A cerração e a lama dificultavam nossa marcha e observação. O de-

sencadear da barragem surpreende-nos. Até ali, as informações disponíveis diziam que o ataque seria realizado de surpresa! O solo treme e os homens sentem, em seu íntimo, o perigo que estão enfrentando, porém, seguem a orientação de seus comandantes imediatos. Estamos aqui incluindo detalhes de nossas observações pessoais, pois achamos que era necessário complementar as simples linhas da obra de T. Brooks! Os infantas da Força Expedicionária Brasileira partem ao ataque sentindo, desde o início, que a missão sobrelevava as possibilidades dos esforços de todos e de cada um. A Infantaria no ataque é obrigada a tais sacrifícios. Os observadores avançados da artilharia viam-se, por sua vez, impossibilitados de apoio à progressão, batendo as resistências inimigas, pois a visibilidade era quase inexistente. Cenas de heroísmo e determinação são executadas pelos atacantes que são batidos violentamente pelos fogos de morteiros e pelas armas automáticas do inimigo. O escalão de ataque é desorganizado e detido em frente a Mazzancana-C.Viteline-La Cá-Abetaia. Numerosas são as baixas. Mortos e feridos. Padioleiros são mandados para socorrer os feridos. O inimigo permite o deslocamento, entretanto, após a execução de seu heróico trabalho, as posições são novamente batidas por rajadas de armas automáticas e tiros de morteiros. O ataque em seu conjunto é considerado encerrado e não há condições de prosseguir. O inimigo domina as alturas e atinge com facilidade aqueles que se aventuram a progredir. Granadas fumígenas de morteiros 81mm são lançadas para permitir o recuo dos atacantes que, a muito custo, conseguem, ao cair da tarde, reunir-se a coberto da LP. O recuo da tropa atacante é executado, e na chamada terra de ninguém,

entre a LP (Linha de Partida) e a linha de alturas Belvedere-Torraccia-Castelo-Abetaia, ficam os corpos dos bravos soldados da Força Expedicionária Brasileira. Logo depois, com a chegada do inverno, seriam encobertos por branco lençol de neve. Eles viam de “terras distantes, de clima quente e falavam idioma diferente”, mas eram soldados brasileiros que ali tinham chegado para revidar a afronta nazifascista e vingar aqueles que tinham perecido tripulando os nossos navios torpedeados em pleno Atlântico. Não dispunham da excelência dos recursos de seus companheiros dos exércitos aliados, mas não comprometeram e se afirmaram, no decorrer da campanha, merecendo lugar de destaque nas operações que se desenvolveram na Península Italiana. Seus restos mortais só puderam ser recuperados após a Ofensiva da Primavera e, então, foi possível verificar o heroísmo de seu desempenho, pois seus corpos estavam intactos e mostravam postura dramática dos lances de sua progressão que chegara à frente das casamatas alemãs onde foram abatidos!

A partir de 13 dezembro, até o fim do mês, as operações ofensivas diminuem de intensidade. As ordens de Alexander para a realização da ofensiva geral ainda continuavam em vigor, pois visavam a impedir que os alemães retirassem tropas da Itália para reforçar seus exércitos a oeste ou a leste da Europa. A atitude dos aliados não seria meramente defensiva. Deveriam optar por uma ofensiva com objetivos limitados, como Bolonha e Ravena, na frente do VIII Exército. A chegada ao Vale do Pó parecia agora fora de cogitação.

Os desgastes dos V Exército e VIII Exército eram grandes, com elevadas baixas. Por outro lado, os níveis de suprimentos e muni-

ções estavam abaixo do desejado. Além disso, o VIII Exército perderia tropas enviadas à Grécia. Churchill temia que os russos viessem a ocupar os Balcãs. Foram transferidas do VIII Exército a Brigada Grega, a Brigada Indiana, as 4ª e 46ª DI inglesas.

Os alemães tinham, então, o General Von Senger no Comando do setor de Bolonha, onde a defesa se transformara em ponderável ponto forte, apresentando várias linhas de defesa, aproveitando os cursos d'água que flanqueiam a cidade a leste. A defesa estava montada em profundidade e as reservas disponíveis em condições de atender às tentativas de ataque dos aliados. O General Alexander declarou que Bolonha se apresentava como numa verdadeira fortaleza e que não existia igual na Europa.

O VIII Exército despende grandes esforços para ultrapassar Faenza e o Rio Senio. O inimigo abandona Faenza, atravessada pela Auto-Estrada 9, mas é impossível prosseguir a ofensiva que cessa às margens sul do Senio. Os diques que margeiam os cursos d'água, com as margens ao norte do seu curso mais elevadas, não podem ser transpostas com facilidade e se constituem em poderoso obstáculo que fortalecia o sistema defensivo dos alemães. Os carros de combate aliados não podiam ultrapassá-los!

A partir do dia 15 de dezembro, ocorrem modificações nos altos comandos aliados.

O Marechal Alexander é designado para o Supremo Comando Aliado no Mediterrâneo e o General Mac Clark assume o comando do TO da Itália. O Comando do V Exército é assumido pelo General Lucien Truscott Jor que regressa do Sul da França. Apesar de todas as dificuldades existentes, o General Mac Clark reitera ao General Mac Creery, agora no comando do VIII Exérci-

to, que as ordens para a captura de Bolonha estavam em vigor e as operações para a travessia do Senio deveriam ser observadas em conjunto com o ataque do V Exército, previsto para antes do Natal.

A frente do VIII Exército estendia-se em arco, do sudoeste de Faenza até o Adriático, ficando, praticamente, à mesma altura do V Exército. As baixas sofridas pelos canadenses, em 20 dias de combate, para chegar até o Senio foram elevadas: 548 mortes, 179 feridos e 212 prisioneiros. As tropas estavam desgostosas e causavam preocupações. Combatiam há mais de três anos e somente seu elevado espírito de corpo concorria para o cumprimento das missões impostas. Acontecimentos ocorridos no Canadá, envolvendo a convocação para o serviço além-mar e revezamento de efetivos, provocavam tais sentimentos. O mesmo acontecia com os neozelandeses.

A neve começava a cair na frente italiana a partir de 23 de dezembro. O cenário apresentava-se mudado e vinha dificultar ainda mais a execução das operações. Chegaram, então, notícias de acontecimentos na frente de oeste (França). Em 16 de dezembro, os alemães desencadeiam poderosa ofensiva nas Ardenas, penetrando mais de 40 milhas e colocando em perigo Antuérpia. A repercussão na frente italiana é imediata. Os dois exércitos aliados, o V Exército e o VIII Exército estão desgastados pelos contínuos embates e não dispõem de reservas para cobrir os claros existentes. Os níveis de suprimentos estão também abaixo do desejável. Todos os recursos para atender às necessidades de pessoal tinham sido empregados, inclusive transformar em tropas de infantaria unidades de artilharia antiaérea. Até o expediente de fazer retornar do sul da

totalmente. O General Almond, Cmt da 92ª DI, recebe ordens de manter a posição a todo o custo e o 4º CEx movimentou tropas para atender o Vale do Serchio.

A 92ª DI ocupa Somocolonia-Barga-Galicano, pontos conquistados pela FEB (GT- Zenóbio da Costa) desde setembro. A defesa não é densa, o mesmo acontece na linha da costa. A frente do 4º Corpo estendendo-se cerca de 90 milhas, desde o mar da Liguria até o sul de Vergato, ocupada pela 92ª DI, FEB - TF 45, evidenciava que não seria possível suportar um esforço concentrado do inimigo. O General Crittenberger visita o QG da 92ª DI e os reforços enviados são localizados na área de Lucca, ao sul da frente a cargo da 92ª DI. É fato que o Cmt do 4º CEx tinha dúvidas quanto a atuação da 92ª DI.

Em 26 de dezembro, os alemães desencadeiam, pela madrugada, forte ataque visando conquistar as posições de Lama di Sotto-Somocolonia-Barga. A 92ª DI não consegue deter o inimigo e seu pedido de reforços não é atendido. A situação é crítica. O 370º RI recua para o sul de Galicano. A leste do Serchio, o 366º RI também recua. O General Crittenberger visita o PC do Cmt do 370º, Coronel Sherman, informando que reforços da 8ª DI tomariam posição à retaguarda. A leste do Serchio, Barga é atacada, sendo abandonada.

Em 27 de dezembro, cerrados ataques aéreos são desencadeados, cerca de 200 sortidas e, finalmente, o inimigo é detido. O Major General Russell, Cmt da 8ª DI indiana, assu-

me o comando do setor e dentro de dois dias, em 30 de dezembro, Barga e Somocolonia são retomadas. A tropa indiana, então, recua e é substituída pela 92ª DI que, novamente, assume a responsabilidade do setor.

A ação inimiga causara pânico e desequilíbrio na frente do setor do V Exército que fora obrigado a deslocar recursos para contornar o perigo. A situação nas áreas de retaguarda, especialmente em Livorno, inspira cuidados.

As unidades da FEB ocupavam posições defensivas no Vale do Reno e seus batalhões eram revezados constantemente. Os acontecimentos

do Serchio não influenciaram no comportamento dos brasileiros e, além disso, nos escalões menos elevados, isto é, BI e Cia, não chegavam tais informações. Nos dias finais de dezembro nosso batalhão, que fora substituído na frente Affrico-Volpara, tomara parte no ataque a Monte Castelo. Em 12 de dezembro, fora recompletado e passou à disposição do 4º CEx em Porretta. Ali, acantonados no famoso Albergo Itália, a 5ª Cia Fzo e a totalidade das tropas do QG/DIE sofreram contínuos bombardeios da artilharia alemã e constantes baixas em decorrência da localização do acantonamento. Assistimos aos deslocamentos das unidades da DB sul-africana que cerrava sobre o Vale do Serchio.

O inimigo, inesperadamente, oferecera um presente de Natal e o final do ano de 1944 seria, ainda, de incertezas quebrando de vez a esperança da tomada de Bolonha e da progressão até Vale do Pó.

*A frente do 4º Corpo
estendendo-se cerca de 90
milhas, desde o mar
da Liguria até o sul de Vergato,
ocupada pela 92ª DI,
FEB - TF 45, evidenciava que
não seria possível suportar
um esforço concentrado
do inimigo.*

Em 28 de dezembro, o General Mac Clark transmite ordens aos dois exércitos, adiando o projetado ataque à Bolonha. Dois dias após, o General Alexander, Comandante Supremo do TO, cancelava todo o planejamento que deveria aguardar a chegada da primavera. A guerra defensiva tinha, pois, seu início. A tenacidade do inimigo conseguira desfazer o sonho da tomada de Bolonha e o desembocar dos aliados no Vale do Pó.

O inverno seria enfrentado nas posições atingidas no Vale do Serchio-Rio Reno-Senio-S. Lago Comachio.

A DEFENSIVA DE INVERNO / INVERNO NOS APENINOS

A neve começara a cair, mudando por completo o panorama. A neve do *Natal dos cartões postais* que conhecíamos, agora, era uma realidade. Os homens do *país distante de clima quente* estavam sendo submetidos à nova provação. As operações ofensivas entraram em compasso de espera. Nas alturas das margens norte do Reno e ao longo da Estrada 64 estavam posicionadas as unidades do 4º CEx. Na linha das praias do mar da Liguria, cortadas às alturas pelo Vale do Serchio, a 92ª DI cobria o flanco oeste do 4º CEx. O 2º CEx a leste tinha frente mais estreita e no limite leste, o VIII Exército, cujas posições se estendiam até o sul do Lago Comachio, na costa do Adriático.

A manutenção das posições defensivas exigia grandes esforços para o suprimento das tropas engajadas. Era impossível alcançar aquelas alturas com as viaturas. Alpinos italianos, conduzindo seus muare, eram empregados para fazer chegar às posições as rações e o remuniciamento necessários. Extensas e permanentes cortinas de

fumaça dos geradores americanos procuram cobrir as pontes e passagens existentes na EPS (estrada principal de suprimentos). A tropa recebe orientação quanto aos cuidados a adotar para evitar o congelamento. Ainda assim, há baixas, resultantes da demasiada exposição ao tempo dos homens na vigília dos postos de combate. Os brasileiros abandonam os clássicos borzequins e forram os galochões americanos com feno, material sempre disponível na campanha italiana, evitando com tal expediente, o congelamento dos pés. Os uniformes apropriados para o frio intenso vão sendo distribuídos: mantas de pura lã, capotes, gorros e luvas, sacos de dormir de nylon. Há uma rotina penosa mas a tropa resiste e surpreende, tal o caso brasileiro.

As queixas enumeradas por Thomas Brooks não abrangem a nossa DIE. A Senadora americana Clara Bothe Luce, que visitara a frente por ocasião do Natal, dissera que a frente italiana era *a frente esquecida* e apontara, como necessária e de direito, a substituição da 34ª DI, do nosso 4º CEx, que estava em ação na frente há mais de um ano. Quando a 34ª DI atingira a linha do Arno, o seu Comandante, Major General Charles W. Ryder, fora substituído, encontrando-se à beira da exaustão. A cerimônia de seu afastamento foi sobremaneira emocionante: era um líder!

Os italianos diziam que aquele inverno era o mais rigoroso dos últimos tempos e o pior ano da guerra. Os contadinos só a muito custo abandonavam suas casas e sofriam, portanto, grandes privações.

As ordens em vigor destinavam-se a manter as posições ocupadas e aguardar a primavera para o reinício das operações ofensivas. Havia, entretanto, uma rotina a

cumprir. A vigilância estreita e as posições melhoradas para facilitar sua defesa. Redes de arame, armadilhas e minas. As casas e demais construções na região da campanha italiana foram ocupadas para resguardar os homens do frio e da neve, o que apresentava, por vezes, a inconveniência dos moradores italianos, pois era difícil removê-los dos locais.

As alturas de Soprassasso-Torre di Nerone-Precaria-Boscaccio-Castelnuovo dominavam com seus observatórios as posições ao longo do Reno. Essas observações eram decorrentes de nossa participação junto ao Regimento Sampaio. A artilharia executava normalmente seus fogos e concentrações batendo os pontos suspeitos da frente, fazendo-o também a pedido dos batalhões engajados. Era a "inquietação do front" para assegurar ao inimigo que a defesa era ativa. Diga-se por oportuno que os alemães observavam idêntico procedimento.

O V Exército toma medidas para levantar o moral dos CEx. A ofensiva não logrou conquistar seus objetivos. No 2º CEx, o General Bolte desenvolve sua atenção especialmente para a 34ª DI, a mais sacrificada. Treinamento, substituições e recomplementamento são determinados para aproveitar o período de estabilização da frente. A 3ª, 1ª e 9ª DI estão em excelente situação.

O VIII Exército, na frente do Senio, sob o comando do General Mac Creery atua também para melhorar as posições e anular os observatórios do inimigo e possibilidades de penetração. O CEx canadense é empenhado nessas missões. Em fins de fevereiro, os canadenses são substituídos e deixam a frente da Itália, após 20 meses de duros e estafantes combates. O oeste da Europa é o destino das GU que vão inte-

grar o I Exército canadense. O VIII Exército recebe, então, o reforço da 8ª DI indiana e da Brigada israelense.

A guerra de propaganda é desencadeada e utilizada por ambos os contendores que cobrem as linhas de contato com seus boletins concitando a tropa a cessar de combater ou desertar.

O número de desertores dos exércitos alemães é ponderável conseqüência do fracasso da ofensiva nas Ardenas, Bolsão e Bulge e do avanço russo. Alsacianos, poloneses, iugoslavos que combatiam integrando tropas alemãs começam a desertar. Combatiam junto aos alemães apenas por temerem ameaças e resguardarem suas famílias de represálias nos territórios ocupados. O caso polonês é o mais importante, pois o Corpo polonês, apesar das baixas sofridas, chega ao final da guerra com seu efetivo aumentado pelo grande número de desertores poloneses de unidades do Exército alemão.

A guerra defensiva exige particularmente da Infantaria grandes esforços. As patrulhas são organizadas visando observar, surpreender e testar as posições inimigas. Sua execução exige destemor e controle, além de preparo físico. Os deslocamentos através de difíceis trilhas do terreno, cobertas por espessas camadas de neve, chegam às raias da quase impossível utilização. Os alemães também patrulham a terra de ninguém. As rajadas de suas metralhadoras denunciam seu retraimento. As posições visadas respondem com tiros de metralhadoras e morteiros. Lembramos, a seguir, dois fatos que comprovam nossa afirmação para ilustrar a narrativa. Em janeiro de 1945, nas alturas de Boscaccio-Monte Cavaloro, a sudoeste de Castelnuovo, durante

o dia, são enviadas duas patrulhas da 5ª Cia/2ª BI/RS visando atingir a região Cota 750 e Castelnuovo e colher informações. A patrulha de Boscaccio, sob o comando do 3º Sgt Virgulino, é violentamente batida na região de Precaria. Tem baixas, mortos e feridos. Recua e é acolhida nas posições ocupadas pelo pelotão a que pertencia. A segunda patrulha (Sargento Santino Assunção/3ª PEL) progride sem alterações e quando se encontra próximo ao objetivo - Castelnuovo, recebe ordens de retraimento. Meses depois, quando da Ofensiva da Primavera, na região de Precaria é encontrado singelo túmulo, assinalado por tosca cruz de madeira onde se liam os dizeres: 3 Tapfere-Brasil-24/1/45 (três bravos-Brasil-21/1/45). O 3º-sargento Virgulino, gravemente ferido, é feito prisioneiro e libertado ao término da guerra.

O segundo fato, ainda na mesma frente, refere-se à conduta do citado 3º Pel/5ª Cia quando repele patrulha alemã que procurava infiltrar-se em nossas posições. O soldado, em vigília, observa o deslocamento do inimigo e, quando percebe que seu alvo será atingido, aperta o gatilho do Fuzil Metralhadora e abate o alemão. Ouvem-se, a seguir, outras rajadas e a patrulha alemã recua deixando um de seus integrantes abatido frente à posição brasileira. O ferido é recolhido, socorrido e encaminhado, ao amanhecer, ao PC do Batalhão. A descrição apresentada resume ape-

nas os detalhes mais importantes mas merece comentários.

Os episódios citados destinam-se a ilustrar a exposição feita à luz do estudo da obra de Thomas Brooks e mostram o desempenho da Infantaria, dos soldados brasileiros na campanha. Foi dito que nossos soldados seriam olhados pelos alemães como uma curiosidade que testava freqüentemente suas posições. Entretanto, o soldado alemão considerou a bravura dos soldados brasileiros que, à luz do dia, em terreno difícil e descoberto, enfrentaram o caminho coberto de espessa neve para cumprir missões de re-

Foi dito que nossos soldados seriam olhados pelos alemães como uma curiosidade que testavam freqüentemente suas posições. Entretanto, o soldado alemão considerou a bravura dos soldados brasileiros que, à luz do dia, em terreno difícil e descoberto, enfrentaram o caminho coberto de espessa neve para cumprir missões de reconhecimento das posições inimigas.

conhecimento das posições inimigas. Note-se que tinham plena certeza dos perigos a enfrentar. Àquela altura *eles eram veteranos na campanha*. O inimigo rende-lhes homenagem: três heróis! Da mesma forma, quando se declara que os nossos homens eram, em maioria, de cor preta, como o soldado do 3º Pel que, com calma e sangue-frio, observou o louro inimigo que se aproximava e conseguiu abatê-lo com certa rajada de seu fuzil metralhadora. A segregação racial não fazia parte da cultura brasileira.

A permanência nas posições defensivas nos meses de novembro até fevereiro de 1945, quando são tomadas medidas para o reinício das operações ofensivas, propiciam aos homens tempo para os reajustamentos e total ambientação com os fatos e acontecimentos da vida e das atividades em cam-

panha. Nova fase seria vivida, antes que a hora do encerramento das missões soasse!

AINDA O VALE DO SERCCHIO

A defensiva de inverno tivera o seu curso e fora enfrentada pelas tropas dos V e VIII exércitos. Os rigores da estação foram suportados e a infantaria executara o patrulhamento da frente com galhardia e destemor. Os recursos disponíveis, inclusive em recompletamentos, apresentavam melhores níveis, uma nova Divisão, a 10ª DI Mnth, estava chegando ao TO.

No Vale do Sercchio, havia informações que indicavam, a julgar pelas declarações de prisioneiros e desertores, que o inimigo estaria realizando substituições. A frente do Sercchio era motivo de preocupação e os comandos do V Exército e 4º CEx julgavam oportuno desencadear operações visando Stretoria. Seria possível atingir a Base de la Spezzia. A tomada de Lama di Sotto era objetivo importante. Ademais, a operação seria uma resposta à surpresa de Natal, que tantas baixas causara à 92ª DI, além de circunstâncias negativas para o moral da grande unidade.

A 92ª DI estava com a responsabilidade da frente que se estendia da Linha da Costa até as alturas a leste do Vale do Sercchio. Em 1º de fevereiro, Gallicano é ocupada, seguindo-se Albiano e a posição estabilizada. As investidas continuam, o inimigo resiste e consegue retomar as alturas conquistadas. Os três regimentos da 92ª DI, isto é, o 365º, 370º e 371º são empenhados em ataques que se sucedem durante dez dias.

Os generais Truscott e Crittenger assistem ao desenrolar do ataque na Li-

nha da Costa e observam a progressão dos carros-de-combate. O alemão tem suas defesas organizadas. Intenso é o fogo de apoio, inclusive aéreo. Os carros de combate são atingidos pela artilharia da Base de La Spezzia. O ataque é desorganizado e a tropa atacante recua, havendo certa confusão entre as unidades da 92ª DI.

Em 10 de fevereiro, a TF 1 (*Task Force* 1/366º RI), que apoiava a 92ª DI, recebe ordens de recuar e às 16h30min estava a retirada finalizada, sofrendo os atacantes elevadas baixas. As minas, o terreno difícil, os fogos de artilharia e morteiros e a determinação inimiga levaram de vencida todos os esforços dos homens da 92ª DI (*Black Bulls*). O inimigo tivera muitas baixas, porém, as baixas dos atacantes foram muito maiores. A 92ª DI perdeu 47 oficiais, 657 mortos, feridos e desaparecidos.

As operações do Vale do Sercchio novamente colocavam a 92ª DI em má situação e, por fim, o Alto Comando Aliado acaba por dissolver a 92ª DI. Os elementos aproveitáveis do 365º e 371º RI são transferidos para o 370º RI. Os elementos não aproveitáveis do 370º RI são transferidos. O 442º RI (*JAP-Americans*) regressa da França e passa a integrar a 92ª DI. O 443º RI é organizado à base de elementos da TF 45, vindos das unidades de artilharia anti-aérea. O 366º RI é desativado e, com os elementos retirados do 365º e 371º RI, são os remanescentes enviados para a retaguarda para formar unidades de trabalhos de engenharia e serviços gerais.

A operação da 92ª DI (*Black Bulls*) merece observações. O problema capital de seus efetivos era, na verdade, consequência da segregação racial existente nos Estados Unidos. A Divisão fora organiza-

da e, pela primeira vez, viamos uma unidade do Exército americano constituída de homens de cor preta.

A 92ª DI, do seu efetivo de 774 oficiais, em dezembro de 1945, 538 eram pretos. A maioria dos oficiais superiores eram brancos. O General Truscott declarara que *seus homens eram o produto da educação, economia e doenças sociais que estavam além de seu controle*. Os níveis intelectuais eram baixos: a segregação era um fato nas Forças Armadas americanas e, em sua sociedade, os brancos acusavam e responsabilizavam os pretos pelos fracassos ocorridos, acusando-os de falta de agressividade e inteligência.

A constatação de tais fatos é de grave natureza, se atentarmos que na Europa combatíamos o racismo e o nazifascismo. Thomas Brooks, ao citar a tropa da FEB, insere comentário de que *a maioria de seus homens era de cor preta*. No Brasil não existia e não existe a segregação então existente na sociedade americana. Passados os acontecimentos da Segunda Grande Guerra, hoje, os Estados Unidos adotam diferente postura, conseqüência das guerras do Vietnã e do Golfo Pérsico.

Na campanha da Itália, tivemos ocasião de observar e substituir unidades da 92ª DI. Na verdade, os soldados pretos reagiam contra a segregação de que eram vítimas e não faziam nenhuma questão de esconder sua má vontade. Seus uniformes não se apresentavam corretamente, abandonavam toda e qualquer espécie de material, inclusive armamento. Suas posições eram precariamente organizadas. Tal pro-

cedimento para os brasileiros era motivo de estranheza e de difícil entendimento.

Incluimos o comentário, destacando a atuação da 92ª DI no Vale do Serchio para mostrar que os brasileiros, os primeiros a entrar no vale, tiveram comportamento completamente diferente. Sofreram, é bem verdade, os resultados dos vigorosos contra-ataques do inimigo, naquela altura com moral elevado e com maiores recursos disponíveis, mas não foi perdida, em nenhum momento, a integridade de suas frações e unidades de combate. Lá ficaram também alguns de nossos companheiros, inclusive o Tenente José Maria Pinto Duarte, abatido durante um dos famosos contra-ataques alemães para a retomada de Lama di Sotto-Barga-Galicano. Uma rajada de metralhadora alemã o ferira gravemente. Carregado pelo seu comandante de companhia, teve que ser abandonado, pois o seu ferimento fora mortal e, homem de grande porte, naquelas difíceis circunstâncias do combate, era impossível transportá-lo à retaguarda. Tentativas foram feitas para recuperar seu corpo, que resultaram infrutíferas pouco mais tarde. As primeiras nevascas do inverno mudaram a paisagem e seus superiores diretos não conseguiram encontrar o local onde ficara seu corpo, o que só veio a acontecer no início da ofensiva. Seu corpo estava intacto e foram encontrados seus documentos, inclusive carta de sua esposa que noticiara o nascimento de sua filha! ☉

N.R. - continua no próximo número -
3º Quadrimestre de 2003